

DOSSIÊ

Estudos sobre narrativas literárias

PROPONENTE

M.E. JULIANA ESTANISLAU
DE ATAÍDE MANTOVANI

Este dossiê propõe apresentar pesquisas desenvolvidas no âmbito dos estudos literários, portanto compõem o dossiê artigos cujos objetivos estão voltados para a análise literária, especificamente de narrativas literárias

- **A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM AURÉLIA CAMARGO NO ROMANCE *SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR***
Stephanie Sales Rodrigues Nonato
- **O PERMEÁVEL LIMITE ENTRE O ANIMAL E O HUMANO EM *VIDAS SECAS***
Beatriz Meneses do Nascimento
- **“O MUNDO À REVELIA”: UM ESTUDO DA NARRATIVA EM *GRANDE SERTÃO VEREDAS, DE GUIMARÃES ROSA***
Jéssica Aquino Araújo Saraiva
- **O QUE MAISIE NÃO VÊ!**
Mízia de Oliveira Cardoso Coutinho
- **PONTOS DE VISTA EM *O ATENEU***
Wendell Menezes da Silva
Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani

Autora | Author

Jéssica Aquino Araújo Saraiva*
jessicaaraujoaquino@gmail.com

**“O MUNDO À REVELIA”: UM ESTUDO
DA NARRATIVA EM GRANDE SERTÃO
VEREDAS, DE GUIMARÃES ROSA****“THE WORLD TO THE REVEAL”: A STUDY
OF THE NARRATIVE IN GRANDE SERTÃO
VEREDAS, OF GUIMARÃES ROSA**

Resumo: O presente trabalho busca analisar o sistema jagunço como transfiguração da violência e da criminalização na obra *Grande Sertão: Veredas* (2006), de João Guimarães Rosa, focalizando seu papel constitutivo na instância narrativa e nas ações dos personagens, diante do mundo em que se encontram. Assim, serão observadas as questões teóricas acerca do conceito de violência e do sistema jagunço, a fim de perceber como essa violência está representada no romance, tendo por premissas metodológicas as teorias de Walnice Galvão, Willi Bolle, Antonio Candido, Heloisa Starling, Luís Roncari e de outros teóricos também importantes. Após essa fundamentação nos pressupostos teóricos sobre a violência no sertão, buscar-se-á identificar e interpretar como essa violência, que faz parte do dia a dia dos personagens, ganha forma no romance de João Guimarães Rosa.

Palavras-chave: sistema jagunço, violência, *Grande Sertão: Veredas*.

Abstract: *The present work seeks to analyze the jagunço system as a transfiguration of violence and criminalization in the work Grande Sertão: Veredas, by João Guimarães Rosa, focusing on its constitutive role in the narrative instance and in the actions of the characters, which face the world in which they are. Thus, we will observe the theoretical questions about the concept of violence and about the jagunço system, in order to understand how this violence is represented in the novel Grande Sertão: Veredas. As methodological premises we will consider the theories of Walnice Galvão, Willi Bolle, Antonio Candido, Heloisa Starling, Luís Roncari and other important theorists. After this foundation in the theoretical assumptions about violence in the sertão, we will seek to identify and interpret how this violence, which is part of the daily life of the characters, gains form in the novel of João Guimarães Rosa.*

Keywords: jagunço system, violence, *Grande Sertão: Veredas*.

DOSSIÊ**Estudos sobre
narrativas literárias****Proponente**

M.E. Juliana Estanislau
de Ataíde Mantovani

INTRODUÇÃO

João Guimarães Rosa é um dos mais importantes autores brasileiros de todos os tempos. A originalidade de sua obra tem encantado aos mais variados públicos, desde os renomados críticos literários aos estudantes universitários, tendo em vista o grande número de trabalhos publicados sobre suas obras.

Recebido em: 11/03/2017

Aceito em: 25/04/2017

Seguindo a tradição regionalista, vastamente explorada em nossa literatura por autores de diferentes épocas e gerações – tais como José de Alencar, Franklin Távora, Visconde de Taunay, Graciliano Ramos, entre outros –, Guimarães Rosa não apenas consegue renovar essa tradição, como também leva a literatura brasileira a um de seus patamares mais altos. Segundo Antonio Candido:

Guimarães Rosa cumpriu uma etapa mais arrojada: tentar o mesmo resultado sem contornar o perigo, mas aceitando-o, entrando de armas e bagagens pelo pitoresco regional mais completo e meticuloso, e assim conseguindo anulá-lo como particularidade, para transformá-lo em valor de todos. O mundo rústico do sertão ainda existe no Brasil e ignorá-lo é um artifício. Por isso ele se impõe à consciência do artista, como à do político e do revolucionário. Rosa aceitou o desafio e fez dele matéria, não de regionalismo, mas de pluridimensional, acima de seu ponto de partida contingente (CANDIDO, 2006, p. 250).

Assim, Guimarães Rosa transpõe os limites do espaço regional e alcança uma dimensão universal, tendo em vista que sua obra prima *Grande Sertão: Veredas* põe em cena problemas primordiais da história do país, por meio de um olhar sobre questões universais, criando uma linguagem extremamente original e altamente poética, surpreendendo a crítica em virtude da genialidade de sua linguagem.

Antonio Candido, em *Literatura de dois gumes* (2006), distingue o duplo papel da literatura na formação da sociedade brasileira: de um lado, como instrumento do sistema de dominação colonial; de outro, como elaboração de uma linguagem culta própria ao país. O autor explana sobre as relações entre literatura, história, cultura, mentalidade e identidades brasileiras, abordando quatro aspectos que formam uma contradição, a qual denomina como “sentimentos do contrário”, são eles: imposição e adaptação cultural; transfiguração da realidade e senso do concreto; tendência genealógica; e o geral e o particular nas formas de expressão. Segundo Candido, a nacionalidade brasileira se configurou mediante processos de imposição, visto que a imposição e adaptação de padrões culturais permitiram à literatura contribuir para a formação de uma consciência nacional.

Nesse sentido, é a contradição que forma a literatura brasileira, tendo em vista que nesses contrários há um embate e um confronto dessa literatura que chega até nós. No caso da literatura brasileira, a imagem que o colonizador tinha da jovem nação acabou compondo o retrato do colonizado, uma vez que, os escritores brasileiros românticos utilizaram essa imagem:

[...] não só enquanto instrumento de afirmação nacional, como também enquanto justificativa ideológica, compensação pelo atraso e pela debilidade cultural de que éramos constituídos, segundo os parâmetros fornecidos pela metrópole (CAVALCANTI, 2011, p. 5).

Os escritores brasileiros tinham o desejo de valorização do país e de afirmação da sua capacidade de fazer literatura de qualidade, passando pelo dever patriótico de “contribuir para a grandeza da nação”, uma vez que o senso de patriotismo, segundo o autor, levava “os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso” (CANDIDO, 2007, p. 12). Candido aborda a presença da cor local, o próprio país como requisito para a definição de uma literatura no Brasil. Segundo o crítico, a literatura brasileira se originou de uma “convergência de fatores locais e sugestões externas, que é ao mesmo tempo nacional e universal” – a temática brasileira com a estética do movimento europeu –, ou seja, uma literatura que adaptava o que era universal para o que era local (CANDIDO, 2007 p. 15).

No romantismo, tinha-se um regionalismo de cunho pitoresco que funcionava “como descoberta, reconhecimento da realidade do país e sua incorporação ao temário da literatura” (CANDIDO, 2006, p. 191). Nessa perspectiva, havia uma necessidade do escritor de focalizar a realidade local, porém, a temática local foi transfigurada da realidade, passando a atribuir um sentido alegórico à natureza. Assim, no romantismo, a natureza se apresentava na literatura como elemento ideológico. Segundo Candido, em *Literatura e Subdesenvolvimento* (2006), nos anos de 1930, há uma “tomada de consciência do subdesenvolvimento”, visto que a literatura passa a ser encarada como possibilidade de denúncia social. No romantismo, tinha-se uma valorização da cor local e da natureza. Já nos romances de 1930, os escritores apresentam um olhar mais crítico sobre os aspectos sociais, ou seja, há “um momento de reconhecimento das desigualdades e das particularidades históricas e sociais do Brasil” (CECCARELLO, 2010, p. 6). Assim, pode-se afirmar que:

Na fase de pré-consciência do subdesenvolvimento, ali pelos anos de 1930 e 1940, tivemos o regionalismo problemático, que se chamou de “romance social”, “indigenismo”, “romance do Nordeste”, segundo os países, e, sem ser exclusivamente regional, o é em boa parte. Ele nos interessa mais, por ter sido um precursor da consciência de subdesenvolvimento [...] um senso mais realista das condições de vida, bem como dos problemas humanos dos grupos desprotegidos (CANDIDO, 2006, p. 193).

Dessa forma, há uma valorização do povo, visto que o homem do sertão deixa de se apresentar de maneira pitoresca para adquirir formas mais realistas. Nesse sentido, em *Grande Sertão: Veredas*, formula-se o que se denominou de superregionalismo, que “corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo” (CANDIDO, 2006, p. 195). Dessa forma, Guimarães Rosa supera os próprios limites da estética regionalista, levando “os traços antes pitorescos a adquirirem universalidade”, por meio da transcendência da palavra (CANDIDO, 2006, p. 195).

Em *Grande Sertão: Veredas* faz-se a transfiguração do particular ao geral, “da região ao destino humano”, tendo em vista a grande força da imaginação de Rosa, uma vez que o processo de criação vai refletir a vida social, os costumes, os medos, as superstições, entre outros, que retratam as profundezas da alma humana.

O romance rosiano é narrado pelo personagem Riobaldo que, distanciado no tempo, conta sua experiência de vida a um interlocutor caracterizado como “senhor” e “doutor”, que em momento algum se manifesta, sendo a sua palavra presumida pelo narrador-personagem. Na narrativa, Riobaldo procura recordar a história da sua vida. Esse distanciamento confere uma visão mais profunda e ampla do passado a esse narrador-personagem, que no momento da recordação, interpreta com maior clareza os fatos ocorridos. Contudo, em grande parte da narrativa, Riobaldo narra seus erros passados sem classificá-los e procura fazer o interlocutor acreditar que os têm como verdade:

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e de gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!

Sendo isto. Ao doido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! (ROSA, 2006, p. 100).

Assim, o discurso de descoberta e autoconhecimento que tece a história da vida de Riobaldo acaba revelando a si próprio na medida em que revela o mundo extenso, que é o sertão, ou seja, a partir da visão subjetiva desse narrador percebemos os

outros personagens e os fatos relatados. Nesse sentido, se faz presente a “focalização interna múltipla”, em que por meio do relato do personagem Riobaldo se tem conhecimento de um grupo. Riobaldo é um narrador “autodiegético”, porque narra suas próprias experiências como personagem principal da história, analisando as suas próprias ações, que se situam no núcleo “extradiegético”, por se encontrar em um tempo posterior ao momento de enunciação da narrativa (ROSA, 2005).

A apresentação de Riobaldo como agente de um fazer, no plano da diegese, é caracterizada pela posse integral do discurso pelo narrador-personagem, que se encontra em um tempo posterior à narração, em que realiza o relato das aventuras, conflitos, amizade, dor, paixão, superação, traição, mistério no grande sertão, cujo objetivo parece ser compreender a sua própria vida.

Ao revisar a sua vida, Riobaldo busca um sentido a ela, refletindo com o seu interlocutor sobre as questões existenciais, tais como: o bem e o mal, Deus e o Diabo, o amor, a violência, a morte, a traição. Preocupações estas que afligem todos os seres humanos, não sendo reflexões exclusivas do sertão mineiro, visto que o “sertão é o mundo”. Nessa acepção, o sertão extrapola os limites geográficos, para simbolizar o próprio universo, onde se situam os conflitos humanos.

Guimarães Rosa, ao escrever uma obra que transfigura o local, aborda as profundezas da alma humana, captando as inquietações, anseios e conflitos próprios do ser humano, não só do homem sertanejo, como de todos os homens, de maneira universal. Nessa perspectiva, fica nítida a afirmação que Riobaldo faz durante a narrativa, “o sertão está em toda parte” (ROSA, 2006, p. 8), ou seja, os grandes problemas que atormentam o homem não se limitam ao sertão mineiro, visto que o transcendem, pois as questões existenciais ocorrem em qualquer lugar do mundo; através do homem do sertão estão presentes problemas universais que afligem todos os seres humanos.

A VIOLÊNCIA NO SERTÃO

[...] tomaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. [...] enquanto estavam ainda mais assando e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano [...] (ROSA, 2006, p. 54).

O fragmento acima é marcado pela cena de violência e barbárie em que os jagunços, após a segunda guerra na Fazenda dos Tucanos, tinham perdido todos os mantimentos,

cavalos e alguns sertanejos e, “zuretados de fome”, mataram um homem pensando que era um macaco. Nesse sentido, essa cena é extremamente significativa, uma vez que essa confusão traz tanto a barbárie como a inocência do desconhecimento. Contudo, há uma reprodução da violência por meio do sistema jagunço, que, ao torná-la banal, torna a todos culpados, mesmo sendo vítimas.

José dos Alves, homem que foi morto e servido aos jagunços como alimento, representa os seres que ficaram mantidos à margem da história, que não tiveram voz nem espaço no meio social, pois eram considerados uns “molambos”, vestiam trapos, como afirma o próprio Riobaldo ao narrar o encontro com a mãe do “catrumano”, “[...] ela mesma ainda estava vestida com uns trapos [...]” (ROSA, 2006, p. 54).

Essa cena de barbárie, em que o ser humano é confundido com um animal, elevando o processo de animalização, representa “estes seres à margem como restos, resíduos a quem o Brasil modernizado não concedeu lugar apropriado” (STARLING, 1999, p. 16). Esses seres que são descritos de maneira inferior, como se não fizessem parte desse mundo, sendo vistos de modo destacado dos demais jagunços, como se vivessem em outra época, uma vez que “não se comportam como seres humanos, mas como bichos” (NEVES, 2011, p. 112).

Os “catrumanos” são os homens esquecidos na história, que vivem isolados dos demais em condições de extrema pobreza, não possuindo nem um título de jagunço, sendo considerados a camada mais inferior da população, que se encontra em meio às ruínas. Segundo Heloísa Starling (1999, p. 135), os catrumanos são “figuras anônimas construídas em negativo transitando entre as franjas da carência e da exclusão, gente sobre-carregada de miséria [...]”, “escondidos nos ocos do sertão” (NEVES, 2011, p. 129).

Os catrumanos, como gente de “estranhoso aspecto” (ROSA, 2006, p. 383), os esquecidos do sertão que convivem lado a lado com a extrema pobreza que assola o homem, vistos como “fantasmagóricos ou demoníacos, alterados em qualquer coisa de inumanos pela miséria abjeta e degradante presente em toda parte” (STARLING, 1999, p. 154), representam o mais alto topo da degradação humana. Contudo, são personagens que “apesar do aspecto misterioso e estranho, são seres humanos, viventes dos ocos do sertão” (NEVES, 2011, p. 132), ou seja, dos lugares mais fundos do sertão.

Nesse sentido, a violência, como a transfigurada no trecho exposto, mostra-se como um fenômeno histórico na constituição da sociedade brasileira, a qual se manifesta por meio

da tirania, da opressão e do abuso da força. Para Willi Bolle¹ (2002, p. 353), *Grande Sertão: Veredas* é uma “representação alegórica da história brasileira que revela o funcionamento do sistema real de poder no Brasil”. Tendo em vista que, segundo o autor supracitado, a capital do Brasil também possui “estruturas arcaicas sob a fachada moderna”, será essa dialética que caracteriza o romance como sendo o mais “lúcido retrato do Brasil” (BOLLE, 2007, p. 145).

O Sertão influenciado pela ação do ser humano, estigmatizado como um espaço de barbárie, tem a violência como código de conduta. O personagem Zé Bebelo almejava, com o seu projeto de modernização, civilizar e integrar o progresso ao sertão. Contudo, assim como seu projeto, verifica-se que a oposição barbárie *versus* civilização não é um contraste entre opostos. Ao contrário, o processo modernizador de Zé Bebelo tenta ser instituído, por meio da violência, ou seja, o desejo de acabar com os jagunços por meio dos próprios jagunços. Isso demonstra como, na formação nacional do Brasil, muitas vezes a violência não foi uma oposição do processo modernizador, mas sim ferramenta para sua instauração, rompendo seus limites.

Zé Bebelo ambicionava modernizar o sertão na tentativa de “urbanização das regiões atrasadas do país, da qual o próprio sertão e seu produto, os jagunços, não fazem parte, devem ser “eliminados” para que assim se chegue à modernização [...]” (ROSA, 2009, p. 17), ou seja, para que o progresso fosse instaurado no sertão, a modernização das “regiões atrasadas dos países” exigia a destruição dos jagunços e do próprio sertão. Nessa perspectiva, acredita-se que a sociedade evoluiria da barbárie para a civilização.

Os catrumanos, povos que se encontram em um universo de pobreza e marginalização, não podem ser integrados na concepção de Brasil moderno, que não tem espaço para esses homens livres e pobres, uma vez que a modernização pouco modifica as “estruturas arcaicas profundas do País”, tendo em vista que “[...] a modernização é restrita a certos grupos” (ROSA, 2009, p. 17), não tendo lugar para os “esquecidos da história” (KLAFKE, 2012, p. 4).

O Brasil vive um embate entre lugar de atraso e progresso, entre arcaico e moderno, barbárie e civilização, sendo esses elementos constituintes do país, cujas bases de formação social de desenvolvimento são desiguais. A desigualdade social

1 Willi Bolle, partindo da concepção de alegoria, analisa em *O Brasil Jagunço: retórica e poética* o banditismo e o “sistema jagunço” fazendo um paralelo entre o romance *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa e a construção da capital do Brasil. Ver: BOLLE, Willi. *O Brasil Jagunço: retórica e poética*. Revista do ieb, n.44, 2007.

presente no sertão passa a ocorrer também nas cidades, sendo o contexto social elemento propulsor da violência e da marginalização de minorias sociais.

Grande Sertão: Veredas retrata um Brasil camuflado que, em sua política desenvolvimentista, não leva em consideração as reais necessidades de uma população, tendo em vista que essa política de desenvolvimento não estava voltada para todos; uma política que marginaliza as classes desfavorecidas em detrimento da supervalorização de uma minoria. Nessa acepção, o progresso era acessível apenas a uma pequena parcela da população, enquanto que a maioria continuava marginalizada, visto que a concentração de riquezas estava nas mãos de poucos. Por isso, *Grande Sertão: Veredas* encena uma “história que recria os excluídos, os marginais, os despossuídos em sua marcha inexorável – mas não linear – e que o discurso da modernidade tentava ocultar” (ALENCAR, 2012, p. 105). Afirma Riobaldo: “A esses muitos desertos, com gentinha probrejando. Mas o sertão está movimentante todo – tempo – salvo que o senhor não vê [...]” (ROSA, 2006, p. 517).

O romance de Guimarães Rosa trava um diálogo com o processo de modernização que se tentava implantar no país no governo de Juscelino Kubitschek. E é desse diálogo que “surtem novas construções, novas percepções das relações entre urbano/rural, centro/periferia, tradição/modernidade. Escolhendo retratar comunidades que estão à margem do projeto desenvolvimentista” (ALENCAR, 2012, p. 104).

O “mandonismo” e a violência são justificados no sertão como sendo necessários à manutenção da ordem, ordem esta que é estabelecida por meio da violência que é fruto da ausência da lei, cujo braço não alcança aqueles lugares distantes. O sertão tem grande influência sobre os sertanejos, compondo “uma estrutura de ordem privada que absorve parte das funções do estado, fazendo da justiça simples instrumento de poder pessoal” (STARLING, 1999, p. 30), ou seja, os “homens livres e dependentes” estão subordinados aos grandes proprietários de terra, que usam a violência como instrumento de poder privado, beneficiando somente os donos do poder. Nessa perspectiva, há o homem poderoso que se utiliza da sua posição para pensar única e exclusivamente em seu benefício e há aquele que é manso e submisso, que vive sobre o peso de sua incapacidade de gerir o seu próprio destino.

A violência como norma de conduta no sertão assume, no sistema jagunço, um lugar determinante, visto que a lei e o crime passam a ser vivenciados como sendo o mesmo princípio. Nesse sentido, a violência impera no sistema jagunço como parte característica da forma de vida jagunça, uma vez que,

por meio da reprodução da violência por esse sistema, os sertanejos acabam se tornando agentes e vítimas da violência.

SISTEMA JAGUNÇO COMO RETRATO DA CRIMINALIZAÇÃO

Chegassem viessem aqui com guerra em mim, com más partes, com outras leis, ou com sobejos olhares, e eu ainda sorteio de acender esta zona, ai, se, se! É na boca do trabuco: é no té-retê-retém... E sozinhozinho não estou [...] coloquei redor meu minha gente. Olhe o senhor: aqui, pegado, vereda abaixo, o Paspé – meeiro meu - é meu. Mais légua, se tanto, tem o Acauã, e tem o Compadre Ciril, ele e três filhos, sei que servem. Banda desta mão, o Alaripe [...] o João Nonato, o Quipes, o Pacamã de Presas. E o Fafafa. [...] estão aí, de armas areiadas. Inimigo vier, a gente cruza chamado, ajuntamos: é hora dum bom tiroteiamento em paz, exp'rimentem ver (ROSA, 2006, p. 23-24).

No trecho acima, Riobaldo narra a relação de dominação presente no sistema jagunço, que é regida pela violência, pois os fazendeiros possuem braços armados – os jagunços – para protegerem suas terras contra os inimigos. Também é possível perceber, na fala do fazendeiro Riobaldo, a condição de vida desses homens livres e pobres que se tornam submissos aos donos do poder, tendo em vista que a vida do sertanejo é dificultada pela sua dupla condição de homem livre e dependente.

O sistema jagunço é um conjunto de relações de dominação conduzida pela violência, intimidação, troca de favores, situada na esfera da lei e do crime, em que a violência é um produto da junção entre os elementos sociais e econômicos presentes no sertão.

Segundo Walnice Nogueira Galvão (1972, p. 21), “o exercício privado e organizado da violência é, ao longo da história brasileira, uma instituição e não uma exceção”. Isso nos mostra que o sistema jagunço, transfigurado no romance, parte da representação de uma realidade histórica e social estruturada na violência e no poder dos coronéis.

Os jagunços estão imersos em um sistema que une lei e crime, onde há o predomínio de braços armados a serviço dos coronéis. “O braço armado serve para prevenir conflitos e para resolvê-los; a violência é uma prática rotineira, orientando o comportamento dos seres humanos em todos os níveis” (GALVÃO, 1972, p. 21). Assim, o espaço da narrativa de *Grande Sertão: Veredas* é dominado pela violência, uma vez que a vida em bando dos jagunços e a violência fazem

parte do cotidiano dos personagens da obra e constitui suas subjetividades.

Nesse sentido, o termo jagunço é utilizado para qualificar o “valentão assalariado e ao camarada em armas, quanto ao próprio mandante” (CANDIDO *apud* GOMES; ANDRADE, 2012, p. 115). Assim, o jagunçismo é uma nomenclatura especial que difere o homem violento do bandido, incluindo-o decisivamente em um sistema resultante do isolamento regional e da falta de presença do Estado.

Segundo Luiz Roncari, o jagunço era “mais que um simples instrumento a serviço do mando dos senhores locais, era um homem que procurava, através do poder de sua violência, escapar ao destino da plebe deserdada [...]” (2007, p. 26), ou seja, os jagunços queriam uma posição no mundo, não queriam ser os “esquecidos da história”, assim como os povos “catrumanos”, que não possuíam nem um título de jagunço.

Verifica-se que, na obra *Grande sertão: Veredas*, o sistema jagunço ganha destaque na narração do personagem Riobaldo. Este, apesar de ser um jagunço, não se via como parte do bando, pois era uma pessoa letrada. Os jagunços em sua maioria serviam aos mandos dos coronéis, somente obedecendo a ordens, em troca da sobrevivência. Já Riobaldo, por ser letrado, tinha um olhar crítico sobre a situação, e afirmava “eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente [...] diverjo de todo mundo [...]” (ROSA, 2006, p. 15).

O personagem Riobaldo rompe a sua condição de subalterno passando a chefe de jagunços, através da sua ação e discurso. Assim, a busca pela instauração da ordem é constante, seja ela imposta por lei ou pela corrupção. Contudo, Riobaldo não é apenas um jagunço letrado, mas sim um fazendeiro, demonstrando no romance como há uma forte manutenção da ordem, ou seja, como há um esforço para que no sistema jagunço, a violência permaneça como a lei do sertão, uma vez que esta lei é regida pela violência, cujo lema é: “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias” (ROSA, 2006, p. 19), e quem não obedece às leis dos proprietários rurais está sujeito a punições:

Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. A pena, que aqui já é terra avinda concorde, roncice de paz, e sou homem particular. Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! (ROSA, 2006, p. 111-112).

No trecho acima, fica nítida a relação de dependência e subordinação dos agregados à vontade dos fazendeiros, pois

os jagunços viviam em situação de submissão aos donos de terras, regida pela troca de favores, ou seja, os agregados prestavam serviços aos fazendeiros e em troca recebiam favores, como comida e moradia. Nessa perspectiva, entre “agregados” e “coronéis”, há uma relação de dominação regida pela violência entre o favor e a proteção, a violência e a opressão, a fidelidade e a obediência.

O sistema jagunço é, nesse sentido, regido por grupos armados, “onde criminoso vive seu cristo Jesus, arredado do arrocho de autoridade” (ROSA, 2006, p. 8), e põe em cena o mundo da violência, por meio do qual esse sistema se reproduz, uma vez que os bandos de jagunços exercem o poder para defesa dos interesses dos chefes, tendo como arma principal a violência.

Assim, esse sistema jagunço é onde se configura o predomínio da violência, se dando, inclusive na ausência de autoridade. Lugar sem lei, haja vista que nem sequer os chefes dos jagunços – Hermógenes e Ricardão – respeitavam as leis da jagunçagem, uma vez que mataram por meio de traição o chefe – Joca Ramiro. Riobaldo, diante dessa inversão que mantém a ordem violenta, explica o sistema jagunço, a partir de sua continuidade e circularidade:

Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macacá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana. Dona Adelaide no Campo-Redondo, Simão Avelino na extrema de cada fazenda some e surge um camarada, de sentinela, que sobraça o pau-de-fogo e vigia feito onça que come carcaça. Ei. Mesma coisa no barranco do rio, e se descer esse São Francisco, que aprova, cada lugar é só de um grande senhor, com sua família geral, seus jagunços mil, ordeiros: ver São Francisco da Arrelia, Januária, Carinhanha, Urubú, Pilão Arcado, Chique-Chique e Sento-Sé (ROSA, 2006, p. 111-112).

Nesse sentido, o sistema jagunço é o retrato da violência vigente na luta pelo domínio de terra, em que os jagunços servem aos donos de terra apenas como braços armados a seu serviço, vivendo uma relação de dependência e subordinação pessoal, considerando a troca mútua e desigual que acontece entre os donos do poder e os seus subordinados, uma vez que há de um lado, a violência, o favor e a proteção, e, do outro, a fidelidade e a obediência. Esse sistema, regido pela violência, desencadeia uma guerra de todos contra todos, visto que Riobaldo utiliza das mesmas armas que o bando do inimigo Hermógenes para fazer justiça à morte de Joca Ramiro.

Sertão é um lugar regido por leis próprias, onde predomina a violência, em que os “valentões” recorrem à violência para resolver a violência, em um círculo vicioso e sem fim, cuja crueldade permanece como a lei do sertão, de um sertão que chega até as cidades, visto que o “sertão é o mundo” e “está em toda parte” (ROSA, 2006, p. 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo refletir, ainda que de forma breve, sobre alguns aspectos da produção literária de Guimarães Rosa, a fim de perceber o “sistema jagunço” como transfiguração da violência e da criminalização na obra *Grande Sertão: Veredas*, focalizando seu papel constitutivo nas ações dos personagens e na instância narrativa, diante do mundo em que se encontram.

No primeiro tópico, intitulado “A violência no sertão”, abordamos como a violência é representada no romance, trazendo reflexões sobre os “catrumanos”, como povos esquecidos da história, retratados como as sobras da modernidade. Já no segundo tópico, “Sistema jagunço como retrato da criminalização”, analisamos a conduta do homem sertanejo e seus conflitos internos, percebendo como esse sistema jagunço ganha forma no romance.

Grande Sertão: Veredas é lido, neste artigo, como um romance de caráter memorialístico que, através do discurso oral, possibilita a Riobaldo narrar a um interlocutor a história da sua vida, captando por meio dela as lutas sangrentas do povo sertanejo. Por meio desse relato, feito através da memória, Riobaldo tenta buscar respostas para as questões inconsistentes de sua vida, uma vez que ao rememorar sua vida, o passado torna-se mais significativo para ele. E é através do relato desse narrador labiríntico e contraditório que o leitor se aproxima do mundo sertanejo, tomando conhecimento dos outros personagens e do sistema jagunço que rege as leis do sertão, por meio da violência (KLAFKE, 2012).

Conforme Pasta Júnior (1999, p. 63), em *O romance de Rosa: temas do Grande Sertão e do Brasil*, Riobaldo “estava condenado pela contradição de base que o constitui. [...] livre e dependente; homem de lei e de mando, de contrato e de pacto; letrado e iletrado – moderno e arcaico [...]”.

Guimarães Rosa, por meio do relato desse narrador contraditório, volta-se para os grandes temas humanos e universais, abordando as questões existenciais que afligem todos os seres humanos, tendo no sertão uma relação mística do homem consigo mesmo e com as forças que comandam o universo, visto que em *Grande Sertão: Veredas* há uma humanização do

sertão, que sente como o ser humano: “Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças. *O sertão tem medo de tudo*” (ROSA, 2006, p. 313). Isto é, o homem e a natureza se fundem num todo inseparável, sendo o sertão humanizado e, por isso sente medo, assim como as pessoas (ALENCAR, 2012).

Retomando temas regionais, Guimarães Rosa eleva a literatura brasileira em um de seus níveis mais altos. Segundo Antonio Candido:

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e o nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro da matriz regional, para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e, na verdade, o sertão é o mundo (CANDIDO, 2000, p. 122).

Em outros termos, partindo do regionalismo, Guimarães Rosa cria uma obra que transcende o local, uma vez que as questões existenciais que atormentam Riobaldo não são preocupações exclusivas do sertão, visto que essas questões extrapolam os limites do sertão, simbolizando o próprio universo, onde se situam os conflitos humanos. *Grande Sertão: Veredas* é uma obra de sentido universal, pois retrata o ser humano de qualquer quadrante do mundo, não se limitando ao sertão.

Sendo universal, *Grande Sertão: Veredas* traz à tona os dilemas da modernização do Brasil. Uma “modernização que pouco modifica as estruturas arcaicas profundas do país” (KLAFKE, 2012, p. 4). Nesse sentido, os catrumanos, como personagens marginalizados, não podem ser integrados em um modelo de Brasil moderno. Verifica-se, na crença de Zé Bebelo de que levando infraestrutura ao sertão o progresso chegaria, uma modernidade enquanto barbárie, cujo projeto modernizador tenta ser instituído por meio da violência, ou seja, o desejo de acabar com os jagunços por meio dos próprios jagunços.

Nesse sentido, o espaço narrativo de *Grande Sertão: Veredas* é dominado pela violência, que constitui a lei do sertão, tendo como elemento propulsor o contexto social, haja vista que a violência é um fenômeno histórico na constituição da sociedade brasileira, já que o sertão de Guimarães Rosa “é o mundo e está em toda parte, está no interior do Brasil e estendeu-se para além de seu espaço original” (CAVALCANTI, 2011, p. 7). Portanto, uma violência que é, acima de tudo, sertaneja e que

faz parte do dia a dia dos jagunços ao se transfigurar por meio do sistema jagunço, sendo justificada como necessária à manutenção da ordem.

A literatura parte da realidade e a recria. Assim, Guimarães Rosa põe em cena em seu romance problemas primordiais da história do país, por meio de um olhar sobre questões universais que afligem o ser humano. Sua preocupação humana ao tratar as relações sociais demonstra como, em seus romances, o fascinante pode ser atingido através de uma literatura de qualidade e que transfigura em nível estético os aspectos históricos e sociais.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Maria Amélia Garcia. A identidade sertaneja na literatura regionalista: Euclides da Cunha, Hugo de Carvalho Ramos e Guimarães Rosa. **Revista de História Regional**, v. 17, 2012.
- BOLLE, Willi. Representação do povo e invenção de linguagem em Grande Sertão: Veredas. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, 2002.
- _____. O Brasil Jagunço: retórica e poética. **Revista do IEB**, n. 44, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento / Literatura de dois gumes / Revolução de 1930 e a cultura / A nova narrativa. In: **A Educação pela Noite**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- _____. Nacionalismo Literário. In: **Formação da literatura brasileira**. (Momentos decisivos). 11. ed. Volume único. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. **Regionalismo e Transfiguração em Grande Sertão**: Veredas. **Recorte** – revista eletrônica. Ano 8, n. 2, 2011.
- CECCARELLO, Vera Helena Picolo. **O debate acerca do regionalismo nos dias atuais**: o caso da obra de Milton Hatoum. Salvador: Facom – UFBA, 2010.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do Falso**: um estudo sobre a ambiguidade no Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Editora perspectiva, 1972.
- GOMES, Mônica Thaís Rodrigues; ANDRADE, Tiago Limeira. Violência, Ação e Discurso nas Veredas de um Grande Sertão. **A Barriguda**: Revista científica. Campina Grande-PB, v. 2, n.1, 2012.
- KLAFKE, Mariana Figueiró. **Grande Sertão: Veredas e Primeiras Estórias, de Guimarães Rosa**: Os dilemas da modernização. Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- NEVES, Ana Daniela Rezende Pereira. **"Homens reperdidos sem salvação"** – catrumanos: representação, ameaças e limites em *Grande Sertão: Veredas*. Brasília: UnB 2011.
- PASTA JÚNIOR, José Antonio. O romance de Rosa: temas do Grande Sertão e do Brasil. **Novos Estudos**: CEBRAP, n. 55, p. 61-70, 1999.
- RONCARI, Luiz. **O cão do sertão**: literatura e engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade / Luiz Roncari. – São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- ROSA, Daniele dos Santos. **Estratégias narrativas em José Saramago**. Brasília: UnB, 2005.
- _____. **Literatura e nação**: um estudo sobre *S. Bernardo* e *Grande Sertão: Veredas*. Brasília: UnB, 2009.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Lembranças do Brasil**: teoria política, história e ficção em Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Revan: UCAM, IUPERJ, 1999, 192 p.

CURRÍCULO

* Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, do Instituto Federal de Brasília, *Campus* São Sebastião.